

DO DIABÓLICO AO SIMBÓLICO: MAGIA, AMOR, LOUCURA E MORTE

*Alexandre Fernandes Corrêa**

*Adriana Cajado Costa***

RESUMO:

Se o mal está no laço social, decorrente da renúncia pulsional, como o mal-estar se apresenta na psicose, em especial, na paranoia? No laço do paranoico com o Outro, qual é a fonte de mal-estar evidenciada no objeto persecutório, lugar de exteriorização e figuração do ódio? Diante da história cultural dos significantes sobre o mal, propomos analisar a relação do paranoico com o Outro, tomando como foco a função do mal-estar e do ódio na lógica do delírio. Para tanto, de modo mais específico, recortamos aqui um trecho das *Memórias* de Schreber que encenam o mal-estar na paranoia.

PALAVRAS-CHAVE: Mal. Mal-estar. Paranoia. Schreber. Delírio.

*Sociólogo/Antropólogo. Doutorado em Ciências Sociais PUC/SP (2001). Coordenador do CRISOL - Grupo de Pesquisas em Humanidades, Estudos Culturais e Urbanos (CNPq). Docente Associado UFRJ Macaé. E.mail: alexcorrea@macae.ufrj.br

**Psicóloga/Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica PUC/SP. Ex-doutoranda do PGPSA/UERJ. Ex-vice-líder do Grupo de Pesquisas e Estudos Culturais (UFMA). Ex-discente Participante do GT: Dispositivos Clínicos em Saúde Mental da ANPEPP. Falecida em 15 de junho de 2012.

... Freud não hesitou em falar e chamá-lo por seu nome, mas do qual nunca mais falamos, ou seja, aquele que foi designado durante muito tempo como o princípio desse mundo – Diabolus. Simbólico aqui se completa por diabólico – com todas as formas que a predicação teológica articulou tão poderosamente.

(Jacques Lacan, 1988, p. 117).

Este texto inspira-se no título de um sugestivo Colóquio ocorrido na Faculdade de Letras de Lisboa no ano de 2010. Nesse evento procurou-se abranger o movimento existencial do diabólico para o simbólico no pensamento do filósofo Vilém Flusser¹. Este autor propõe uma leitura do significante diabo como o que instaura o tempo e o espaço na existência. Reconhecendo sua figura como idêntico à língua, como um “véu na superfície da intemporalidade”. De tal sorte, propõe ainda uma reflexão sobre a travessia necessária que parte do diabólico em direção ao simbólico, pois para o filósofo o diabo “nada na correnteza do tempo, quiçá a dirige, ele é histórico no sentido estrito do termo”.

No âmbito desse artigo pretendemos operar uma aproximação com essa interpretação filosófica, emoldurando o alcance dessa reflexão, com algumas ideias encontradas em Freud e Jacques Lacan. Dessa maneira, buscamos recolher frutos desses estudos filosóficos e psicanalíticos entrelaçados, além de arrematar reflexões já realizadas em estudos literários e em outros trabalhos de pesquisa promovidos pelos autores em outros domínios do conhecimento (CORRÊA, 2009, 2012, 2013).

É notória a analogia feita entre os atos agressivos e a loucura. A agressividade, carente de sua mediação simbólica, torna-se por demais real, por exteriorizar a pulsão de morte em puro ódio. De um lado temos o horror ao louco; do outro a perseguição que o paranoico diz sofrer - sendo então objeto de ódio. O ódio, então, é encenado no cerne do laço social, como horror ao louco.

Se o mal está no laço social, decorrente da renúncia pulsional, como o mal-estar se apresenta na psicose, em especial, na paranoia? No laço do paranoico com o Outro, qual é a fonte de mal-estar evidenciada no objeto persecutório, lugar de exteriorização e figuração do ódio?

¹ Vilém Flusser (Praga, 1920-1991) foi um filósofo tcheco, naturalizado brasileiro. Professor de filosofia, jornalista, conferencista e escritor.

Do diabólico ao simbólico: magia, amor, loucura e morte

Diante da história cultural dos significantes sobre o mal, propomos analisar a relação do paranoico com o Outro, tomando como foco a função do mal-estar e do ódio na lógica do delírio². Para tanto, de modo mais específico, recortamos aqui um trecho das *Memórias* de Schreber que encenam o mal-estar na paranoia.

Schreber relata que, em sua relação com Deus³, um processo de purificação⁴, para apreensão da *língua fundamental*, era realizado. No inferno, as almas submetidas a esse processo eram denominadas: satãs, diabos, diabos auxiliares, superiores e inferiores:

Os diabos, quando feitos como “homens feitos às pressas”, tinham uma cor peculiar (vermelho-cenoura) e um peculiar odor repugnante que eu próprio pude constatar em muitas oportunidades no chamado Sanatório Pierson que denominei de “cozinha do diabo” (SCHREBER, 1903/1995, p. 38).

Freud, na carta 57 (1897) endereçada a Fliess, expressa seu interesse na história do diabo e em sua significação cultural. Onze anos mais tarde sua afirmação ganha uma *nova* dimensão teórica quando atesta que “o diabo é a personificação da vida pulsional inconsciente reprimida”. (FREUD; 1908). Mais ainda, o reconhece no campo figurativo da *inquietante estranheza* (1911), como representante paterno (1922) e, finalmente, como encarnação do mal (1930).

Mal que pode se exteriorizar em ódio. Entre o paranoico e o Outro há o ódio, na função de enlace. O ódio, ao ser endereçado, pode viabilizar a amarração de significantes que tornam um laço possível, não sem mal-estar. Não é à toa que, em sua análise do caso Schreber, Freud vai explicar com detalhes, não só a defesa que o paranoico utiliza diante da castração, mas como o afeto de ódio está presente no laço do sujeito com o Outro.

Retornemos à Schreber. Era um juiz de alta cultura e conhecia muito bem a literatura. Cita inclusive *Fausto* de Goethe, quando comenta a produção literária sobre o roubo de almas, justamente para falar de seu conceito de *assassinato de almas*. Em sua escrita sobre o diabo, este aparece como uma figura que se apodera das almas e que, ao contrário do que se pensa, não é inimigo de deus. Revela que o Dr. Flechsig havia sido, no século XVIII, um “diabo auxiliar”.

Na sequência, Schreber fala sobre a “Cozinha do Diabo” como o lugar no qual “foram cometidos os milagres mais absurdos e desatinados” e salienta que “em nenhum

² Em diferentes artigos temos trabalhado com variações sobre esse tema (CORRÊA; 2012, 2013)

³ Havia um deus superior *Ozmud* e um deus inferior *Ariman*.

⁴ Os termos purificação e punição são utilizados como sinônimos nas *Memórias* de Schreber.

outro período houve tamanha profusão de ‘homens feitos às pressas’”. Em sua transferência para Sonnenstein, as vozes denominavam seu quarto de “castelo do diabo”. Com a expressão, “o diabo passa pela porta da fechadura”, Schreber explica que os fios dos raios os alcançam sem nenhum obstáculo físico.

Retomando a pergunta inicial, poderíamos questionar ainda sobre qual a função do significativo diabólico no laço do paranoico com o Outro, no que se refere ao mal-estar evidenciado no objeto persecutório, lugar de exteriorização e figuração do ódio.

Freud vai demarcar, em toda sua obra, a gênese da consciência moral no campo do mal-estar. Reconhece a consciência moral como fonte de angústia, quando discorre sobre as *neuroses de angústia* (1895). Ao retomar, em outro texto, a questão das *neuropsicoses de defesa* (1896), os “escrúpulos da consciência moral” são reiterados no campo defensivo primário e atribuídos à representação obsessiva na formação do sintoma. A título de diagnóstico diferencial, uma comparação entre neurose obsessiva e paranoia se circunscreve, no primeiro caso, em torno da “desconfiança de si”, e no segundo, por efeito da projeção, na “desconfiança contra os outros”.

Em *Totem e Tabu* (1913) a natureza e a gênese da consciência moral são investigadas. É na consciência moral do tabu que se situa a forma mais antiga do fenômeno da consciência moral como “a percepção interior de que desestimamos determinadas moções de desejo existentes em nós” (73). Portanto, a angústia é da consciência moral, de suas fontes inconscientes que determinam o sentimento de culpa pelo desejo e, por isso, “é provável que também a consciência moral nasça sobre o solo da ambivalência de sentimentos” (73).

O estudo empreendido por Freud sobre a consciência moral se amplia ainda mais, e em 1914, com *Introdução do Narcisismo*, texto capital para compreender a psicose, esta noção é utilizada para analisar o delírio de ser observado a partir de sua aproximação com o conceito de ideal do eu. Para Freud, a formação do ideal é tutelada pela consciência moral e agenciada pela chamada voz da consciência⁵.

No caso da paranoia, essa “instância censuradora”, a consciência moral “o enfrenta então em uma figuração regressiva como uma intromissão hostil⁶ de fora” (93),

⁵ Não é à toa que no caso de Schreber as vozes que lhes chegam para atestar sua missão. Freud ainda nos alerta que a única vez que Deus falou diretamente com Schreber, sem intermediários, foi para lhe injuriar, insultar moralmente. (FREUD; 1911)

⁶ O objeto hostil é, simultaneamente, o primeiro objeto de satisfação (FREUD; 1895), mas no caso da psicose, a não extração do *objeto a*, faz o sujeito ocupar o lugar de objeto e assim retomar sua face hostil, em decorrência da forclusão do significativo primevo.

o que faz coincidir a autocrítica com a observação de si. Análise retomada na 26ª Conferência (1917) quando Freud afirma que a instância observadora é o que chamamos de censor egóico ou consciência moral:

é a mesma que nas noites exerce a censura sobre os sonhos, e da qual partem as repressões das moções de desejo proibidas. E quando, no caso do delírio de observação, ela se decompõe, nos revela que provém da influência dos pais, dos educadores e do meio social, da identificação com algumas destas pessoas modelo (p. 390).

O que Freud vai deixando claro, na sequência de seus textos que abordam a consciência moral, é que esta instância crítica é função do ideal (do supereu) e no caso da paranoia, pela via projetiva, é reconhecida como vindo desde fora, sem deixar de exercer sua função na formação dos ideais e identificações. A consciência moral é efeito de um laço social, efeito de um enlace do sujeito com o Outro. É por isso que, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921) Freud vai ser categórico ao afirmar que “o núcleo da chamada consciência moral é a ‘angústia social’” (71) e em 1923, com *O Eu e o Isso* a noção de consciência moral ganha sua dimensão alteritária transformando-se no “império do supereu”, pois “a gênese da consciência moral se enlaça de maneira íntima com o complexo de Édipo, que pertence ao inconsciente” (53), o que pode fazer desta instância uma agência castigadora e injuriosa. A instância do supereu, revela, como nos diz Lacan ao comentar o “Diabo Enamorado” de Cazotte (1991), sua forma terrorífica, escrito no século XVIII.

Nas *Novas Conferências Introdutórias* (31ª e 32ª; 1933), Freud realiza uma reformulação da noção de consciência moral a fim de situá-la em sua segunda tópica. O supereu será a instância estrutural com a função do ideal, da observação de si e da consciência moral, originada por formação reativa diante da angústia de castração e o sepultamento do complexo de Édipo, como já expresso em “O Eu e o Isso”. Freud então separa três variações da angústia em conformidade aos três tipos de vassalagem do eu: 1. Realista – Mundo Externo; 2. Neurótica – do Isso; 3. Da Consciência Moral – Supereu.

O sentimento de culpa é efeito da consciência moral. Com Colette Soler (2007) elucidamos com maior clareza o papel da consciência moral na paranoia. A perseguição aponta uma falha, mas uma falha no Outro, o que o faz existir, assim, o “inocente paranoico” “não é culpado, mas perseguido” (53). Ou seja, “essa rejeição da culpa é uma recusa em admitir no simbólico os significantes que constituam vestígios da

implicação do sujeito” e então “a culpa foracluída lhe retorna do exterior, sob a forma de censuras que os outros supostamente lhe dirigem” (58). Esse endereçamento que o sujeito paranoico atesta, em sua certeza, vir do Outro em sua direção, é o que Sonia Alberti (2009) afirma: “Onde o Nome-do-Pai falta, o Outro não barrado é o supereu, que exige um gozo do sujeito; um gozo imperativo que retorna no ponto em que falta o gozo fálico” (112).

Assim, podemos aproximar a noção de *kakon*⁷ (inimigo interior) com os efeitos da foraclusão dos significantes advindos da formação da consciência moral. Nos três momentos nos quais Lacan fala do *kakon* (1932; 1946; 1948) ele se refere ao caso Aimée. Mas será em *A Agressividade em Psicanálise* que a noção de *kakon* se liga à consciência moral quando se localiza “o extremo arcaísmo da subjetivação de um *kakon* no campo original da “formação primária do *supereu*” (Lacan; 1948/1998: 119).

Lacan (1936) alerta sobre a importância teórica de reconhecermos o supereu como um ideal da consciência moral, que sua “opressão insensata está na raiz dos imperativos motivados da consciência moral” (1948), assim como seu núcleo real (1957). Contudo, é em sua tese sobre Aimée que Lacan nos dirá que o avanço teórico de seu estudo sobre a psicose paranoica demonstrou que a paranoia é “um modo reacional da personalidade”, ou seja, “um conflito da consciência moral” (1932, p. 348).

No caso de Schreber, vimos como a forma terrorífica do supereu torna-se diabólica, fazendo com que o *objeto a* que Schreber traz em seu bolso determine seus atos por meio das vozes (da consciência moral) que legitimam um destino. Destino este na construção de uma metáfora delirante.

O ódio, em sua origem tão complexa, se situa na fenda entre o Real e o Imaginário (LACAN; 1953) - no lugar do ato fundador do sujeito (LACAN; 1967) - e também no lugar do gozo do Outro (LACAN, 1974). Na paranoia, esse laço odioso permite que o *Mal-Estar* retorne ao ato de fundação do sujeito e inaugure uma nova amarração capaz de construir um *sinthome*, quando permite uma passagem do diabólico ao simbólico, no sentido mesmo que nos fala do *diabolus* como o princípio deste mundo que o simbólico vem completar.

Como colocamos na abertura desse trabalho, estas reflexões nos aproximam de modo intrigante do pensamento de Vilém Flusser, mais especialmente na obra *História do Diabo* (2006) na qual o autor propõe uma leitura do significante diabo como aquilo

⁷ Apresentamos um trabalho extenso sobre a noção de *kakon* em Lacan no VI Simpósio do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ, intitulado *Do Ódio da Psicose e do Laço Social* (2009).

Do diabólico ao simbólico: magia, amor, loucura e morte

que instaura o tempo e o espaço na existência. Reconhece o diabo como idêntico à língua e esta como um “véu na superfície da intemporalidade”. Propõe também uma reflexão sobre a travessia necessária que parte do diabólico em direção ao simbólico, pois o diabo “nada na correnteza do tempo, quiçá a dirige, ele é histórico no sentido estrito do termo”. Como vimos, na paranoia de Schreber *diabolus* veio no real convocá-lo a tecer sua metáfora delirante, a simbolizar o ódio, numa reconciliação com o Outro que partiu do diabólico em direção ao simbólico.

Referências:

ALBERTI, Sonia. 2009. *Esse sujeito adolescente*. 3. ed. Rio de Janeiro, Rios Ambiciosos/Contra Capa.

CAZOTTE, Jacques. 1991. *O diabo enamorado*. São Paulo: Escuta.

CORRÊA, Alexandre Fernandes. 2009. *O Museu Mefistofélico e a Distabuzação da Magia: análise do tombamento do primeiro patrimônio etnográfico do Brasil*. 1. ed. São Luís: UFMA. v. 300. 192p.

_____. 2012. *Análise cultural do torrão dos infernos: imaginário do mal nas poéticas de Dante Milano e Nauro Machado*. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 40, p. 213-233.

_____. 2013. *A experiência da poesia do amor em Dante Milano*. **Psicanálise & Barroco em Revista**, v. 11, p. 148-167.

_____. *Identificações Cristalizadas*. 2013. **Psicanálise & Barroco em Revista**, v. 11, p. 92-108.

_____. 2013. *Torrão dos Infernos: o imaginário do mal em Dante Milano e Nauro Machado*. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 2, p. 85-102.

FLUSSER, Vilém. 2006. *A história do diabo*. 2. ed. São Paulo, Anablume.

FREUD, S. (1985). Projecto de psicologia. Obras Completas. Vol. I. 1. ed. 9. reimp. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

_____. (1896). Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa. Obras Completas. Vol. III. 1. ed. 9. reimp. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

_____. (1897). Carta 57. Obras Completas. Vol. I. 1. ed. 9. reimp. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

Do diabólico ao simbólico: magia, amor, loucura e morte

_____. (1908). Carácter y erotismo anal. Obras Completas. Vol. IX. 1. ed. 9. reimp. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

_____. (1911). Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia descrito autobiográficamente. Obras Completas. Vol. IX. 1. ed. 9. reimp. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

_____. (1913). Tótem y tabú. Obras Completas. Vol. XIII. 1. ed. 9. reimp. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

_____. (1914). Introducción del narcisismo. Obras Completas. Vol. XIV. 1. ed. 9. reimp. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

_____. (1917). 26ª Conferência. Conferencias de introducción al psicoanálisis. Obras Completas. Vol. XVI. 1. ed. 9. reimp. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

_____. (1921). Psicología de las masas y análisis del yo. Obras Completas. Vol. XVIII. 1. ed. 9. reimp. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

_____. (1923). El yo y el ello. Obras Completas. Vol. XIX. 1. ed. 9. reimp. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

_____. (1930). El malestar en la cultura. Obras Completas. Vol. XXI. 1. ed. 9. reimp. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

_____. (1933). 31ª e 32ª Conferencia. Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. Obras Completas. Vol. XVIII. 1. ed. 9. reimp. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

LACAN, J. (1932). *De La psicosis paranoica em sus relaciones con la personalidad*. México, Siglo Veintiuno Editores, 1976.

_____. (1946). Formulações sobre a causalidade psíquica. Escritos. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

_____. (1948). A agressividade em psicanálise. Escritos. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

Alexandre Fernandes Corrêa e Adriana Cajado Costa

- _____. (1954). *Seminário 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.
- _____. (1955-1956). *O Seminário. Livro 3: As Psicoses*. Rio de Janeiro, Zahar, 1988. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.
- _____. (1956-1957). *O Seminário. Livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro, Zahar, 1988. Rio de Janeiro, Zahar, 1995.
- _____. (1959-60). *Seminário 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.
- _____. (1966-67). *Seminário 14: A lógica da fantasia*. Inédito. Publicação não comercial. Recife, Centro de Estudos Freudianos, 2008.
- _____. (1974). *La Troisième*, 7e Congrès de l'École Freudienne de Paris - Lettres de l'École Freudienne de Paris, 1975, n°16, pp. 177-203.
- _____. (1975-76). *Seminário 23: O sintoma*. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.
- SOLER, Colette. 2007. *O inconsciente a céu aberto da psicose*. Rio de Janeiro, Zahar.

DIABOLICAL OF THE SYMBOLIC: MAGIC, LOVE, MADNESS AND DEATH

ABSTRACT:

If evil is the social bond, resulting from instinctual renunciation, as the malaise appears in psychosis, especially in paranoia? In the paranoid bond with the Other, which is the source of malaise evident in the persecutory object, place of externalization and figuration of hatred? Faced with the cultural history of significant over evil, we propose analyzing the paranoid's relationship with the Other, taking as focus the role of malaise and hatred in the logic of delirium. Therefore, more specifically, here we cut a piece of Schreber's Memoirs staging the unrest in paranoia.

KEY WORDS: Evil Malaise. Paranoia. Schreber. Delirium.

DIABOLIQUE DE LA SYMBOLIQUE: LA MAGIE, L'AMOUR, LA FOLIE ET LA MORT

RÉSUMÉ:

Si le mal est le lien social, découlant de la renonciation pulsionnelle, que le malaise se présente dans la psychose, en particulier dans la paranoïa? Le piège de paranoïaque avec l'Autre, qui est la source de malaise en évidence dans l'objet de persécution, le lieu de la manifestation et la figuration de la haine? Compte tenu de l'histoire culturelle de significatif sur le mal, nous nous proposons d'analyser la relation paranoïaque avec l'Autre, en prenant comme point de mire le rôle de malaise et de haine sur la logique du délire. Pour cela, plus spécifiquement, découper un extrait des Mémoires de Schreber scène le malaise dans la paranoïa.

MOTS-CLÉS: Mal. Malaise. Paranoïa. Schreber. Delirium.

Alexandre Fernandes Corrêa e Adriana Cajado Costa

Recebido em: 08-02-2015

Aprovado em: 23-04-2015

©2015 Psicanálise & Barroco em revista

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista